

Coluna TGI

Óculum reservará sempre um espaço aos trabalhos de graduação interdisciplinar (TGIs) desenvolvidos pelos alunos de Arquitetura e Urbanismo. O critério de escolha será tão somente a qualidade, sendo publicados apenas os trabalhos que, segundo nosso entender, ao ultrapassarem o mero objetivo de trabalho escolar, apontem para uma reflexão da arte de projetar.

Inaugurando a coluna, apresentamos o TGI de Paulo Sérgio Dias Ferreira, de 1982. É uma amostra de como a tardia discussão da pós-modernidade no Brasil trouxe ao menos uma vontade renovada de pensar novas saídas, de procurar outros rumos que não os ditados por nossa "tradição moderna".

O que publicamos é parte do 3º capítulo, destinado ao "Exercício de Projeto". Os outros dois capítulos discutem "a Forma no Movimento Moderno" e "a Forma na Arquitetura Brasileira", constituindo-se numa espécie de 'acerto de contas' com a produção arquitetônica brasileira mais recente, passo necessário para a execução do projeto final.

O arquiteto Paulo Sérgio Dias Ferreira reside atualmente em Ribeirão Preto, Estado de São Paulo, onde exerce a profissão. Deixemos que fale por si mesmo:

A QUESTÃO DA FORMA NA ARQUITETURA A PARTIR DO MOVIMENTO MODERNO – TGI DE PAULO SÉRGIO D. FERREIRA – 1982 – PUC

INTENÇÕES

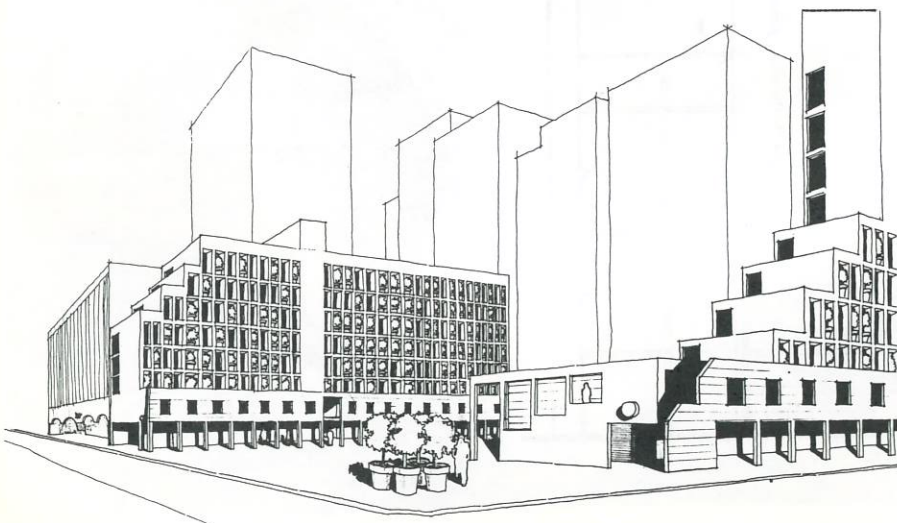
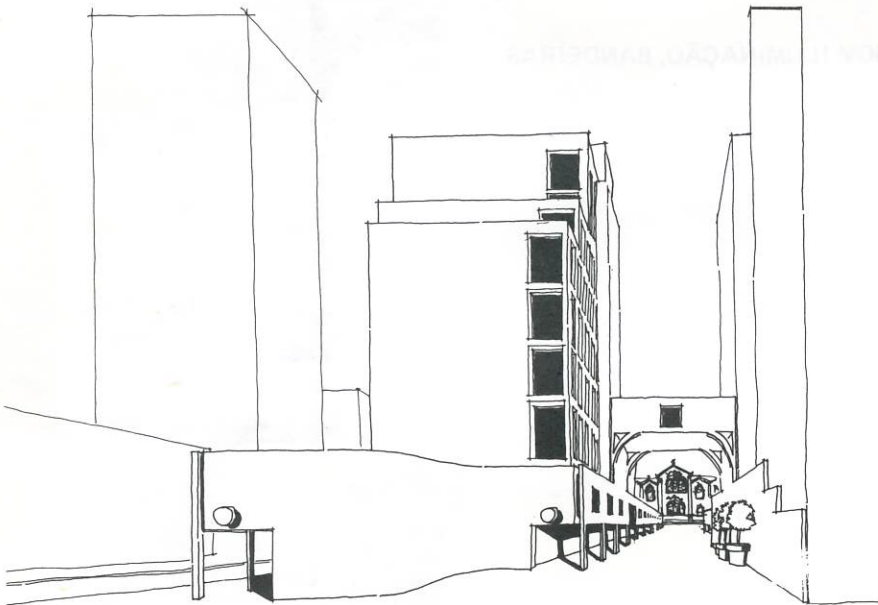
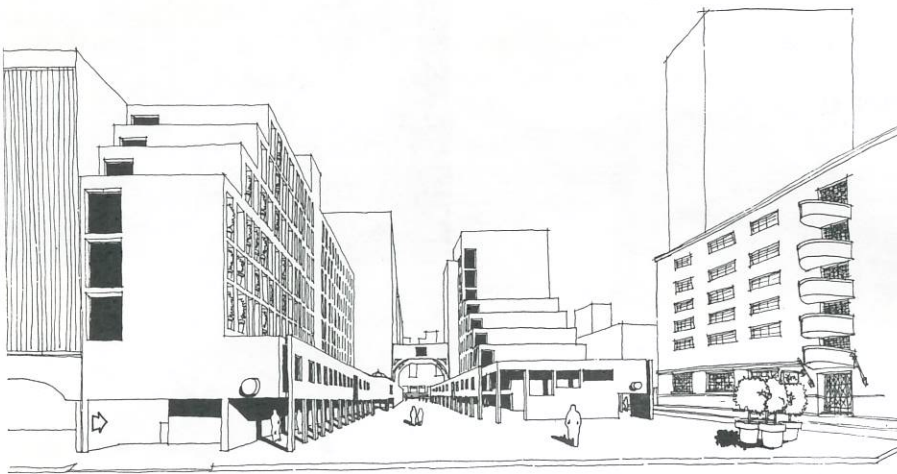
Escolhi para desenvolver um trabalho reflexivo de projeto a área da Igreja do Carmo, no centro de Campinas. A igreja – de grande significação histórico-cultural para a cidade – abre-se para uma praça fronteiriça: praça Bento Quirino. Entretanto, a pouca largura das ruas circundantes (Barão de Jaguara, Barreto Leme, Sacramento) impede uma visão de conjunto da igreja.

Uma observação mais atenta colocou-me diante outro problema: o grande paredão cego de uma lateral do edifício Cruz Alta, que faz face a um terreno baldio. Este paredão é um elemento muito agressivo visualmente, o que levou-me a considerá-lo, juntamente com as ruas estreitas, ponto fundamental no meu raciocínio projectual.

A partir de tais condicionantes resolvi criar no terreno baldio espaços públicos e semi-públicos que, simultaneamente, se integrassem à estrutura da área (ampliando o campo de visão em relação à igreja) e permitissem uma nova visualidade do paredão.

Formalmente optei por um conjunto que rompesse com a concepção de projeto como pura clareza dos procedimentos técnicos e explicitação exacerbada do emprego de materiais, concepção que acarreta uma despersonalização do edifício, reduzindo-o a uma única mensagem significada: racionalização do procedimento.

Esse conjunto deveria articular elementos significativos cujos códigos visuais



caracterizem usos e funções, criando assim maiores referências com o vocabulário tradicional arquitetônico da cidade de Campinas e brasileiro.

PARTIDO

A fim de satisfazer as intenções descritas, adotei, após alguns estudos, o partido de implantar dois edifícios dispostos de tal maneira que resultassem uma rua interna de circulação onde abriam-se lojas situadas ao nível da rua. Esta pequena via interna proporcionaria a visualização da igreja desde a avenida Francisco Glicério, paralela à Barão de Jaguará.

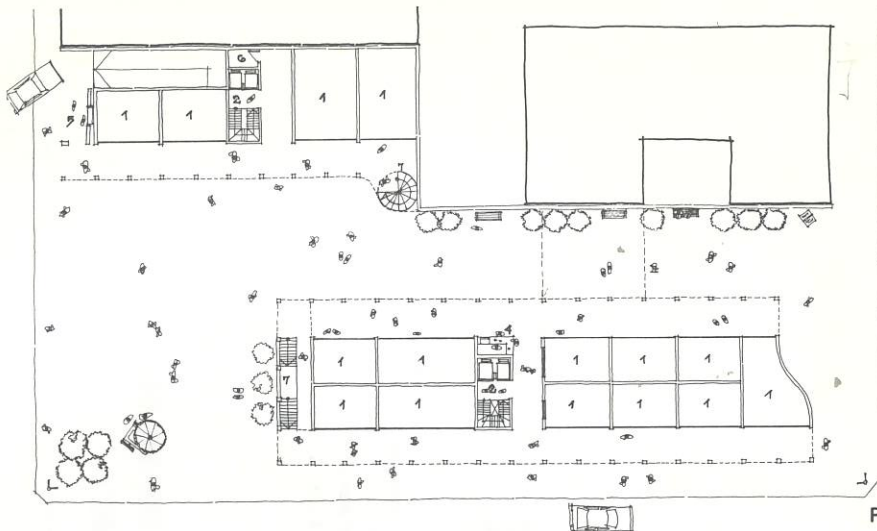
O afastamento de um dos edifícios abriria espaço suficiente para uma pequena praça que se constituiria numa espécie de "sala de visita" para os frequentadores do templo e da agência INPS (cuja entrada principal abre-se para a praça projetada). Além de ampliar física e visualmente o espaço público, a praça serviria de uma espécie de "agente articulador" entre os diversos elementos em questão (igreja, 2 blocos projetados, rua interna, ruas estreitas), dando ao conjunto a unidade desejada. O outro edifício se encostaria ao paredão do Edifício Cruz Alta, "mascarando-o".

O andar térreo dos edifícios destinaria-se ao comércio mais rápido (farmácia, papelaria, roupa, etc.) e relacionariam-se diretamente com as ruas interna e externas através de espaços semi-públicos em forma de "arcadas", marcada por uma sucessão ritmada de colunas. Este elemento tem significação histórica e culturalmente estabelecida como espaço semi-público de circulação e transição entre o público e o privado.

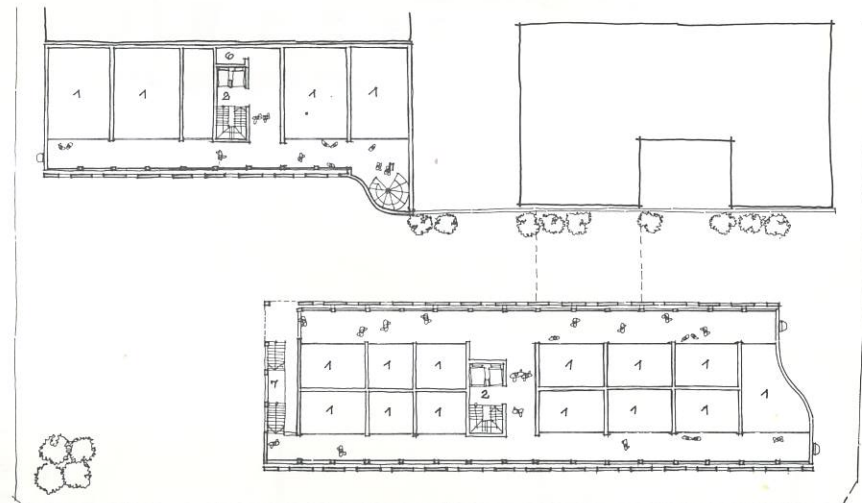
O segundo andar contaria com serviços e comércio mais demorados (joalherias, lanchonetes, barbearias, etc.), ficando mais afastados fisicamente das ruas com as quais se relacionaria visualmente de forma mais indireta através de aberturas (que lembram janelas) na fachada ligeiramente afastada do edifício.

A sucessão de colunas, cujo ritmo contrasta com o andar superior (mais fechado, com pequenas janelas) constituem uma fachada que, apesar de afastada do corpo do edifício, não chega a ser uma fachada falsa pois tem função estrutural. Tem, porém, a função de também comunicar uma mensagem em códigos visuais histórica e culturalmente estabelecidos na tradição arquitetônica brasileira.

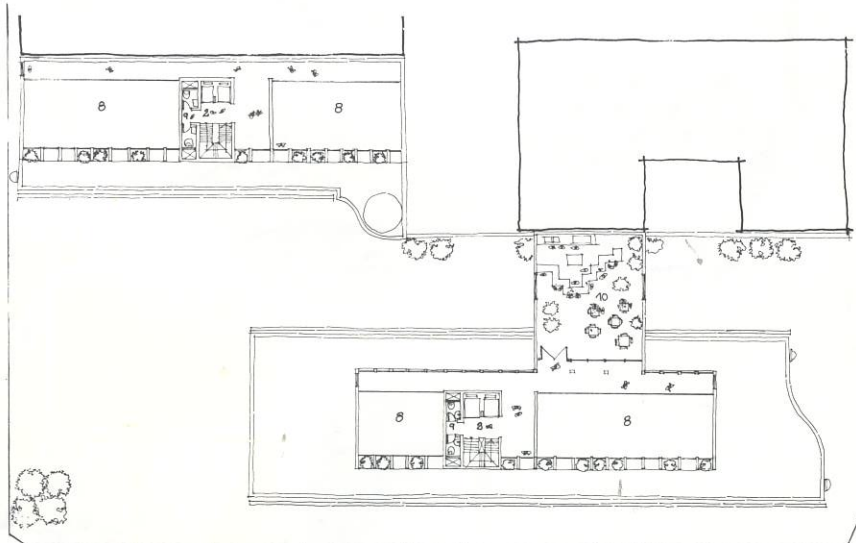
As formas dentadas e irregulares a partir do segundo andar (destinados a escritórios) buscam uma analogia com o perfil da cidade, quebrando a simetria visual dos edifícios. Em um edifício de escritórios, assim como em outros de função burocrática, o contato com um elemento natural tem um bom efeito psicológico. Ali a maioria das secretárias mantém um pequeno vaso em suas mesas, assim como os escritórios possuem vasos e flores, mesmo que desidratados. Esse costume faz parte do repertório das pessoas que trabalham em ambientes fechados e é interpretado no projeto de forma expressiva, através de vasos cerâmicos, enormes, colocados na fachada dos edifícios (no peitoril das aberturas envidraçadas da fachada), utilizando a natureza de forma controlada, numa linguagem urbana.



PISO 1



PISO 2



PISO 3

- | | |
|----------------------|-----------------------------|
| 1 – LOJAS | 6 – DEPÓSITO |
| 2 – HALL DO ELEVADOR | 7 – ACESSO AO PAV. SUPERIOR |
| 3 – ACESSO A GARAGEM | 8 – ESCRITÓRIO |
| 4 – CAFÉ | 9 – BANHEIROS |
| 5 – JORNALEIRO | 10 – LANCHONETE |

